

**ENTRE MUITAS PERGUNTAS: O SILÊNCIO QUE GRITA!****AMONG MANY QUESTIONS: THE SILENCE THAT SCREAMS!**

DOI: 10.18616/lendu.v8i2.9487

Angela Cristina Di Palma Back<sup>1</sup>  
*acb@unesc.net***RESUMO**

Este texto, de caráter ensaístico, tem o propósito de narrar meu percurso formativo no Curso de Letras da Unesc, que completa, em 2024, 50 anos. Meu percurso já dura quase 30 anos, refletindo sobre a influência de mestres como Eurico Back, Edair Gorski e Izete L. Coelho em minha formação na área da Linguística. Abordo a importância das políticas linguísticas, destacando como a falta dessas políticas causa silenciamentos e exclusão em contextos educacionais diversos. Enfatizo a necessidade de um planejamento linguístico robusto, especialmente em regiões de intensa mobilidade migratória, para incluir línguas adicionais, a exemplo das de acolhimento e de herança. Defendo uma pedagogia sociolinguística que transcenda a área das Letras, integrando as políticas educacionais de forma ampla para lidar com a diversidade linguística e promover a inclusão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Polícia Linguística. Sociolinguística. Ensino de Língua.**ABSTRACT**

This essay-style text aims to narrate my formative journey in the Letters Program at UNESC, which will celebrate its 50th anniversary in 2024. My journey has lasted nearly 30 years, reflecting on the influence of mentors such as Eurico Back, Edair Gorski, and Izete L. Coelho in shaping my academic path in the field of Linguistics. I discuss the importance of language policies, highlighting how the lack of such policies leads to silencing and exclusion in various educational contexts. I emphasize the need for a robust linguistic planning, particularly in regions with high migratory mobility, in order to include additional languages, such as those for integration and heritage purposes. I advocate for a sociolinguistic pedagogy that goes beyond the domain of Letters, integrating educational policies more broadly to address linguistic diversity and promote inclusive practices.

**KEYWORDS:** Language Policing. Sociolinguistics. Language Teaching.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística. Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e no Curso de Letras– Brasil.

## **1 APRESENTAÇÃO: O COMEÇO DE UMA VIDA ACADÊMICA**

*O olho vê...  
A lembrança revê...  
E a imaginação transvê...  
É preciso transver o mundo.  
Manoel de Barros*

Falar do Curso de Letras da Unesc faz-me remeter a uma história que perdura há aproximadamente 30 anos, dos quais 25 como professora, uma história que ainda está sendo escrita. Trata-se de abordar meu percurso formativo intercalando-o com o meu mundo pessoal durante essa jornada. Foi nesse tempo e espaço multidimensional, multicultural e multilinguístico que me constituí como professora e pesquisadora. E isso se deu pelas mãos de muitos mestres(as) e companheiros(as) de trabalho, muitos dos quais ainda estão presentes nas linhas dessa minha trajetória, como os professores que socializam suas narrativas neste dossiê.

Ao abordar meu percurso formativo nesta narrativa, em meio a muitas perguntas, trago algumas preocupações recentes quanto à política linguística na educação, ao não reconhecer, por exemplo, a barreira linguística para a inclusão e para a aprendizagem, acarretando silenciamentos. Não se propõe, nesta discussão, conceituar nem a barreira linguística nem o silêncio em suas variadas formas, mas problematizar que a ausência de uma política linguística pode sim acarretar silenciamentos, como o silêncio que cala as diferentes vozes no espaço da sala de aula em função da diversidade linguística instalada. Nessa perspectiva, portanto, mesclo minha história de formação entremeadada pela vida pessoal, durante esses quase 30 anos de "paragem" no Curso de Letras da Unesc, por ocasião deste dossiê comemorativo dos seus 55 anos.

## **2 CONTEXTO DO ESCLARECIMENTO: PERCURSO FORMATIVO**

Recuando no tempo, os mestres que fizeram parte da minha formação inicial foram o saudoso prof. Eurico Back<sup>2</sup> (linguista), que, ao apresentar a Gramática

---

<sup>2</sup> Antes de ser o professor Eurico, a identidade dele para mim era de tio. Meu esposo, Paulo, também contemplado nesta narrativa, é seu sobrinho. Dois papéis sociais encapsulavam a identidade desse respeitoso professor.

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

Construtural e fazer suas análises mórficas e sintáticas com base nessa abordagem, um mundo novo de consciência da língua se abre; as professoras Janete Machado (literatura), que, com seu rigor e amorosidade trouxeram para mim toda uma ética quanto à condução docente; Márcia Alves Oselame (língua inglesa), que, com o seu compromisso para com o ensino da língua inglesa e, na condição de tradutora juramentada do Estado, trouxe novas expectativas quanto às possibilidades de formação, com uma conduta exigente e exemplar; e, por fim, a professora Cristina Herold (linguista), uma das professoras que abriu as portas para a área da linguística, com muita leveza e simetria no trato pedagógico com os alunos. Entre eles estava também o prof. Gladir da Silva Cabral, à época meu professor de Literatura Inglesa e Norte-Americana e, hoje, colega de trabalho no Curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ambos da UNESC. Esses foram grandes mestres e mestras nesse meu caminho.

Foi a partir da teoria Construtural<sup>3</sup>, idealizada pelo prof. Eurico, que o universo da descrição linguística passou a fazer sentido frente ao aparente caos que ofuscava os limites da língua e da gramática, no que dizia respeito à correlação com a prescrição gramatical. Naquele momento, passei a compreender o universo da gramática descritiva como uma potente ferramenta para o esclarecimento. Ainda nesta edição do dossiê, o prof. Faraco menciona que o professor Eurico "infelizmente, decidiu se aposentar e deixou um grande vazio no nosso Departamento", na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A decisão do prof. Eurico, por outro, foi, para nós, da UNESC, a oportunidade de construir pontes rumo ao conhecimento do campo da linguística, em função da estada dele entre nós, o que representou a possibilidade de formar novos pesquisadores, como é o caso desta que vos escreve.

Posso dizer que, nesse primeiro momento, comecei a ver e a tomar consciência dos objetos de conhecimento relacionados à língua. E essa consciência veio acompanhada de um vasto repertório linguístico, oriundo de densas leituras da literatura e da linguística, que tatuavam, com a (re)significação da palavra, todo o meu sistema cognitivo durante o movimento de aprendizagem.

Foi com o prof. Eurico que o vislumbre de uma carreira acadêmica começou a ser cunhado. Fiz o processo seletivo no programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, para o mestrado. Lembro-me de ele me orientar a fazer Dialetologia com o prof. Paulino Vandresen, e assim passei a trabalhar no Projeto

---

<sup>3</sup> Obra mencionada neste dossiê no relato do prof. Carlos Alberto Faraco.

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

VARSQL (Variação Linguística Urbana da região Sul). Esse ingresso indicava um novo rumo na minha carreira: pesquisas de campo, transcrições, coleta e análise de dados, projetos... Era impossível não continuar; a Linguística passou a ser o meu propósito.

### 3 O OLHO VÊ

Ainda na ótica do conhecer, novos objetos de conhecimento se conformavam em mim, frente à realidade ainda a ser desbravada. Nesse percurso, novas relações se estabeleciam, e, no Curso de Letras da UNESC, fiz amizades que perduram até hoje, para além do acadêmico, e que me ajudaram a exercitar alteridades constantes, integrando o cotidiano da docência e constituindo-me a cada passo. Companheiras como Márluce Coan (UNILA e UFC) e Ana Cláudia de Souza (UFSC) foram fundamentais nesse processo. Ambas, à época, faziam parte do quadro docente do Curso de Letras da UNESC e sempre me acolheram, de diferentes maneiras, com uma afetuosidade digna de quem reconheciam em mim potencialidades como docente e pesquisadora. Com Márluce, muitas foram as parcerias, e ela descreve, muito bem, boa parte neste dossiê. Com Ana Cláudia, entre muitas atividades, destaco a do OBEDUC<sup>4</sup>, cujos desdobramentos estão ainda ocorrendo

Na minha pesquisa acadêmica (mestrado), estudei fundamentalmente a variação linguística - "O uso variável do quantificador universal no sintagma nominal na língua falada de Florianópolis" (2000). Aqui abro parênteses para lembrar da importância *sine qua non* do Varsul em minha formação como pesquisadora. Lembrar do Varsul significa lembrar do prof. Paulino Vandressen, que certamente pressupunha de mim, em função do sobrenome, muito mais do que eu podia entregar. É bom rememorar esses momentos; bem como das professoras Edair Maria Gorski e Izete Lehmkuhl Coelho, que definitivamente inscreveram linhas preciosas na minha história acadêmica. Na oportunidade, analisei a influência de fatores linguísticos e sociais no uso das variantes, estabelecendo algumas restrições que delimitavam o contexto de variação, na interface

---

<sup>4</sup> Trata-se do Projeto Ler & educar: formação continuada de professores da rede pública de SC, aprovado no Edital 049/2012/CAPES/INEP do Programa Observatório da Educação, cujas ações estavam relacionadas às práticas leitoras em escolas públicas de Santa Catarina, com vistas a intervir, por meio da formação continuada dos docentes, no ensino das competências em leitura, pelos sujeitos envolvidos no processo de escolarização básica e obrigatória. A rede foi constituída por docentes dos Programas de Pós-Graduação em Educação, Linguística e Estudos Linguísticos, das Universidades do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Federal de Santa Catarina (UFSC) e Federal da Fronteira Sul (UFFS).

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

entre a Sociolinguística Variacionista e Teoria Gerativa: Parmétrica, sob orientação do prof. Paulino, mas, sobretudo, sob o primoroso cuidado da profa. Izete.

Já com experiência docente, a pesquisa acadêmica seguinte (doutorado), também inserida na Sociolinguística, abordou a variação verbal – *A multifuncionalidade da forma verbal -sse no domínio Tempo-Aspecto-Modalidade: uma abordagem sincrônica (2008)* sob a orientação da profa. Edair Gorski, sempre atenta e cuidadosa no trato com as minhas questões, inclusive as de tempo (em vários sentidos). Analisei uso do pretérito imperfeito do subjuntivo, admitindo mapeamento funcional nos três domínios, compreendendo nuances funcionais, que iam do mais concreto (mais temporalidade, mais perfectividade, mais factualidade) ao mais abstrato, cujas nuances se tornavam mais evidentes no âmbito da categoria *Modalidade*.

Minha proposta de pesquisa, totalmente inserida na pauta da Educação, para o pós-doutorado visou a analisar as possíveis aproximações epistemológicas que a relação entre Educação e Linguística pudessem permitir, mais especificamente uma epistemologia que possibilitasse a conciliação teórica entre a Sociolinguística e uma Educação Crítica, contribuindo para (re)pensar políticas linguísticas, especialmente na região de Criciúma, dada as migrações contemporâneas que se observam nos últimos anos. Advoga-se que é preciso discutir o ensino de língua pautada em uma teoria que agregue reflexões de uma teoria linguística e de uma teoria da educação, para, a *posteriori*, propor contribuições ao planejamento linguístico, como uma política, para compreendermos em que âmbitos ocorrem (ou podem ocorrer) políticas linguísticas em se tratando de contextos de mobilidade migratória, possibilitando sólidos alicerces ao planejamento linguístico.

Durante os últimos 25 anos, portanto, venho estudando as relações entre língua e ensino, cujo lugar teórico sempre vem da Linguística, em especial da Sociolinguística, embora haja constantemente um passeio tímido pela Linguística Aplicada, o qual decorre, evidentemente, de minha formação como pesquisadora, ainda que eu esteja inserida em um programa *stricto sensu* de Educação (PPGE-UNESC). Dada a natureza de minha atuação docente, preocupações como ‘conciliação teórica’ entre uma teoria da educação (Histórico-Cultural, por exemplo) e uma teoria linguística (Sociolinguística) emergem sempre, sobretudo em se tratando de que epistemes podem ser trazidas para o debate, cujas aproximações entre as áreas do conhecimento passam por concepções de mundo, homem, e, claro, de língua. Nesse cenário de tantos

questionamentos e silenciamentos, entender os meandros da Política Linguística instalada pode trazer alguma compreensão.

### 4 A MEMÓRIA REVÊ

O prof. Wilson Leffa (UCPEL), junto ao prefácio da obra *Política e Práticas Linguísticas* (2013), traz uma bela narrativa acerca de seu processo de aquisição da língua materna, na comunidade em que vivia; diz ele que, muito embora vivesse em uma comunidade bilíngue (português e alemão), sua língua materna é o português. No relato do professor Leffa, ele explica os motivos pelos quais nunca aprendeu o alemão. Meu contato com essa leitura imediatamente me fez acessar uma das memórias do Paulo<sup>5</sup>. De modo similar, também adquiriu sua língua materna em uma comunidade bilíngue de português e alemão e, igualmente ao prof. Leffa, não soube exatamente quando parou de falar alemão ou mesmo quando começou a falar português. Contudo, a imposição dada a Paulo foi contrária, a de que só deveria falar alemão em casa e muito por decisão de seu avô, que não aceitava que se falasse em português. Isso se deu por volta de 1965.

“Em casa, pequeno, eu só falava alemão”- essa é a afirmação do Paulo, embora seus pais e avós falassem intercambiando os dois idiomas alemão e português. Ele teria aprendido primeiro a língua alemã e depois o português. Segundo suas memórias, na presença do avô só falava em alemão, mas, quando o avô não estava por perto, em momentos de descontração, o português vinha à baila. Ainda na infância, após o falecimento do avô, o alemão deixou de ser falado com a mesma frequência, o que fez com que rapidamente o esquecesse. Essa memória ilustra aspectos no entorno do que podemos considerar como política linguística. A imposição do avô para que Paulo falasse alemão teve o propósito de preservar a língua identitária das gerações passadas, portanto uma ação política.

Segundo Leffa (2013, p. 8), “Somos políticos quando fazemos ou deixamos de fazer algo que afeta a vida dos outros, provocando mudanças que podem trazer prejuízos ou benefícios”. Para Paulo, quando criança, de algum modo o idioma alemão trazia prejuízo. Pelo que me lembro, já casada com Paulo, o benefício (sem mencionar o

---

<sup>5</sup> Paulo Ricardo Back, esposo, companheiro e pai dos meus filhos. Nascido em Forquilha, em 1962, em uma comunidade de alemães, estando ele em sua 5ª geração. Não fui a primeira mistura, um antepassado seu já havia se casado uma nordestina, de Garanhuns, Pernambuco: Rosa Maria de Jesus. Curiosamente, também sou filha de nordestina, com avó nascida em Garanhuns.

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

multiculturalismo em que já vivia) veio mais tarde, por ocasião de oportunidade de emprego em uma empresa europeia, cujo idioma alemão foi rapidamente trazido da memória. Um outro aspecto importante, que pode ser derivado dessa breve história, é o fato de que eu ser uma linguista e estar ligada à educação não é o mesmo que afirmar que reúno, em função da formação, todas as condições para fazer política linguística. O avô do Paulo, não linguista, agiu dentro do podemos caracterizar como política linguística, não só quando lhe exigiu falar alemão, mas também quando o fez mesmo antes de que fosse à escola.

O cenário no qual se deu a memória do Paulo foi o de migrações europeias no sul do país, hoje positivadas. Nas últimas décadas, as migrações contemporâneas, que envolvem mobilidade de migrantes de países africanos, reservam desafios maiores, muitas vezes invisibilizadas (negativadas), e que, portanto, envolvem escolhas. Não fazer nada é também uma escolha, é fazer política linguística.

### 5 A IMAGINAÇÃO TRANSVÊ

Se política linguística envolve escolhas, qual o passo a ser dado em se tratando de contribuir para ações linguísticas de acolhida ao migrante? E, assim, como dizia nosso poeta: *É preciso tranver o mundo*. Raja afirma que:

Toda escolha está sujeita a vir a ser considerada malfeita, impulsiva ou feita no calor dos acontecimentos, sobretudo quando vista retroativamente num momento futuro. A política linguística não foge à regra. Ela pode ser tanto bem acertada como danosa, muitas vezes sem que aqueles responsáveis pelas decisões saibam disso no momento da tomada das decisões. Até mesmo gestos bem-intencionados podem gerar resultados deletérios. (Rajagopalan, 2013, p. 37)

O desafio está posto e é preciso avançarmos no sentido de confluir contribuições advindas tanto da Linguística quanto da Educação, considerando a diversidade linguística que se assenta em uma país de dimensões continentais e que recebe migrantes que falam, muitas vezes, mais de uma língua, constituindo um Brasil multicultural, multiétnico e multilíngue. Esse passo busca um ideal: alcançar a política com contribuições ao planejamento linguístico.

O propósito em tela parte do posto de que só podemos avançar na compreensão dos modos de fazer planejamento linguístico, como desdobrado conscientemente de uma política, se estivermos alicerçados em uma teoria linguístico-

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

educacional com poder interpretativo robusto, contribuindo para se (re)pensar esses planejamentos linguísticos (nos termos de Calvet, 2007), entrando na pauta da Educação de modo substantivo.

Diante de um cenário de intensa mobilidade migratória com forte impacto na região em que atuo como docente, a região carbonífera, a qual carece de planejamento linguístico que deveria se assentar igualmente em sólida educação linguística, seja um ensino voltado à língua materna, ou adicional, a exemplo da língua estrangeira, de herança ou de acolhimento. Nesse sentido, questões como se *Há planejamento linguístico que considere a mobilidade migratória contemporânea* ou mesmo *Como se poderia desencadear, no Estado, um planejamento linguístico (implementação prática de uma política linguística, nos termos de Calvet, 2002)* permeiam nossas discussões em nível de grupo de pesquisa<sup>6</sup>. Parece-me que a aproximação do tema Política Linguística à Sociolinguística vai além do seu campo naturalmente multifacetado. Severo (2013) assinala que política linguística e planejamento surgem como áreas disciplinares concomitantemente à Sociolinguística na Europa:

O "nascimento" da Política Linguística como campo científico disciplinar (EUA e Europa) se deu concomitante à emergência da Sociolinguística, ambas tendo como marco um evento organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em 1964, onde estiveram presentes nomes vinculados tanto à Política Linguística como à Sociolinguística, entre os quais Haugen, Labov, Gumperz, Hymes e Ferguson. Em 1968, coroando a consolidação do campo, houve a publicação do trabalho *Language problems of developing nations*, assinado por Fishman, Ferguson e Dasgupta (1968) (Calvet, 2007; Bianco, 2004; Mankey, 2008). (Severo, 2013, p.452)

Dada a citação acima, pergunto-me por que motivo as discussões da sociolinguística ainda não adentraram de modo consistente os muros da escola. Digo isso porque a área da sociolinguística, sem falar no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), em seus estudos, tem atestado, por meio da descrição da fala nos mais variados rincões do Brasil, sua diversidade, descrevendo as variedades linguísticas em território brasileiro, tomando distintos níveis linguísticos considerando os usos, entre os quais estão os lexicais, fonéticos, fonológicos, sintáticos, semânticos, prosódicos e metalinguísticos.

---

<sup>6</sup> Littera – Correlações entre cultura, processamento e ensino: a linguagem em foco: trata-se do Grupo de professores que hoje compõe este dossiê, a saber: Márluce Coan (UFC e UNILA), Celdon Fritzen, Gladir da Silva Cabral (Unesc), (UFSC), Ana Cláudia de Souza (UFSC e UFFS) e Angela Cristina Di Palma Back (Unesc).

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

A própria sociolinguística educacional vem problematizando o preconceito linguístico, de modo a se deter em questões pedagógicas cruciais como a noção de “erro”.

O estigma linguístico cala. Silencia. Exclui.

Em se tratando de variedades do português, há as do português de contato nas fronteiras e nas tribos indígenas, para além dos registros (não)urbanos. Segundo o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), no Brasil, são falados mais de 140 idiomas, entre línguas indígenas, línguas europeias trazidas pelos imigrantes. São 22 as línguas oficializadas em 51 municípios diferentes, dada a diversidade linguística e cultural presente no país.

Soma-se a esse cenário das migrações de ontem, as de hoje. As migrações de ontem, hoje positivadas, se distanciam e se diferenciam muito das migrações hodiernas. Veja Criciúma, cidade cravada no cinturão da migração de passagem e de aterrisagem, cujos monumentos ao migrante estão em variadas partes (Circuito da imigração: Parque das Nações Cincinato Napolini, Parque Centenário (Monumento as Etnias), Parque dos Imigrantes e Praça dos Imigrantes (Monumento a Pedra Mó)). Como não perguntar por que a escola não tomou ainda para si a questão da diversidade linguística propalada pelo Sociolinguística, e a do multilinguismo? Como a política educacional não tomou para si a política linguística? E a formação de professores que passa ao largo do tema. Dados os inúmeros questionamentos, está-se, portanto, diante de variados silenciamentos que torna ainda mais invisível, por exemplo, a presença migrante hodierna.

Os documentos oficiais a orientar a práxis da educação, pelo menos as Propostas Curriculares do Estado de Santa Catarina e de Criciúma, vinculam-se à Teoria Histórico Cultural, daí outra questão inevitável diz sobre como fazer as correlações necessárias com uma teoria da linguagem que possa promover, de forma consistente, o ensino-aprendizagem da língua, para além de uma empiria que tende a vincular essas duas áreas (Histórico-Cultural e Sociolinguística) em uma espécie de grande área sociológica. Parece-me que *transver o mundo* começa a se delinear do ideal rumo ao real.

A título de ilustração, de modo a envolver outros agentes de modo planejado: associado à educação linguística, trabalhei em um projeto de extensão que me colocou à prova, com realização para além do acadêmico. Tratou do ensino de língua para imigrantes em situação de vulnerabilidade (fundamentalmente ganeses, togoleses e haitianos). Junto às práticas pedagógicas e mesmo estudando para compreender melhor o contexto, temas como Políticas Linguísticas e Ensino de Língua Portuguesa como

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

Adicional, a exemplo de estrangeira e de acolhimento começam a aparecer. E mesmo tendo transitado um pouco pela Psicolinguística e Linguística Aplicada, o meu melhor recurso veio da Sociolinguística. Então, foi preciso eu me afastar desta, transitar pelas outras, para compreender a dimensão da práxis com base na Sociolinguística, de modo a reivindicar uma pedagogia sociolinguística, cujas reflexões não sejam reduzidas à área das Letras e passem a fazer parte, consistentemente, de uma política mais ampla de formação inicial de professores, motivo pelo qual deve estar na pauta da educação, como um compromisso de todas as áreas.

### 6 REAFIRMANDO E REAFIRMANDO-SE

Minha trajetória no Curso de Letras da Unesc demonstra uma profunda intersecção entre meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, estabelecendo relações de reciprocidade e amizade com pesquisadoras importantes, ambos desenvolvimento e amizade se deram em um ambiente multicultural e multilinguístico. Ao longo de quase três décadas, desenvolvi uma perspectiva crítica sobre a necessidade urgente de políticas linguísticas que possam enfrentar os mecanismos de exclusão, como as barreiras linguísticas que dificultam o ensino em contextos de diversidade.

Faço a defesa de que a falta de uma política linguística devidamente planejada silencia vozes nas escolas e impede a plena inclusão dos estudantes, especialmente em tempos de intensa mobilidade migratória. Defendo, portanto, que é fundamental implementar um planejamento linguístico robusto tendo como premissa uma pedagogia sociolinguística ampla que integrem a diversidade e promovam uma educação inclusiva, comprometida com a formação inicial de professores e com a valorização da pluralidade linguística.

### REFERÊNCIAS

BACK, Angela Cristina Di Palma. **O uso variável do quantificador universal no sintagma nominal na língua falada de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

BACK, Angela Cristina Di Palma. **A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio Tempo-Aspecto-Modalidade: uma abordagem sincrônica**. Tese (Doutorado

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. Os pretéritos mais-que-perfeito simples e imperfeito sob a ótica da iconicidade e da gramaticalização. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 28, n.2, 2012a, p. 387-420.

BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. Ponto de Referência: análise tipológica dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo. **Revista da ABRALIN**, v. 11, n. 2, 2012b, p. 11-41.

BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. Atuação do aspecto na variação entre os pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: algumas considerações sobre o princípio do uniformitarismo. **Prolíngua** (João Pessoa), v. 9, n. 2, 2014, p. 11-26.

BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. A temporalidade do pretérito imperfeito do subjuntivo em relação a seu ponto de referência: perspectivas teóricas. **LINGUAGEM EM (DIS)CURSO**, v. 18, n. 2, 2018, p. 375-391.

BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. Factualidade e contexto semântico-sintático do pretérito imperfeito do subjuntivo. **Revista todas as letras** (MACKENZIE), v. 23, n. 1, 2021, p. 1-13.

BACK, Angela Cristina Di Palma ; RODRIGUES, RUANA ; ZAPELINI DOS SANTOS, RENATA ; MARIANI GOULART PIAZZA, TALITA . O QUE OS DOCUMENTOS OFICIAIS - BNCC, PCN E DIRETRIZES CURRICULARES DE CRICIÚMA - ABORDAM SOBRE MIGRANTES EM SALA DE AULA. **Revista Linguagem, Ensino e Educação - Lendu**, v. 6, p. 55-69, 2022.

BACK, Angela Cristina Di Palma et al. PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO E A INSERÇÃO DO ALUNO MIGRANTE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE CRICIÚMA/SC. **Revista Linguagem, Ensino e Educação - Lendu**, v. 6, p. 33-54, 2022.

BACK, Angela Cristina Di Palma; CORTEZ, DAYANE . Portuguese as a Welcoming Language. **Letras de Hoje**, v. 58, p. e44503, 2023.

BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. Sociolinguística e Teoria Histórico-cultural: aproximações epistemológicas. *In*: Valdecy de Oliveira Pontes; Márluce Coan; Sávio André de Souza Cavalcante; Hebe Macedo de Carvalho; Aluíza Alves de Araújo. (Org.). **Sociolinguística: interfaces e aplicações**. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, v. 1, 2024, p. 129-153.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CALVET, Jean-Louis. **La guerres des langues et les politiques linguistiques**. Paris: Hachette littératures, 2005.

\_\_\_\_\_. **As Políticas Linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

## DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

COAN, Márluce; BACK, Angela C. P. Identidades aspecto-temporais do pretérito imperfeito do subjuntivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)**, v. 56, n. 2, 2014, p. 259-272.

COAN, Márluce; BACK, Angela C. P.; REIS, M. S.; FREITAG, R. M. As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS XXXV**, v. 1, 2006, p. 1463-1472.

CORTEZ, Dayane et al. Plac: Experiência de ensino e aprendizagem em um projeto de extensão da Unesc. **Lendu**, Criciúma, v. 5, n. 1, 2021. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/lendu/issue/view/281/showToc>. Acesso em: 12 out. 2021.

CORTEZ, Dayane. **Políticas linguísticas em Criciúma: promoção e ensino da língua portuguesa como língua de acolhimento**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2018.

CORTEZ, Dayane; BACK, Angela Cristina Di Palma. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS LÍNGUA DE ACOLHIMENTO E SEUS IMPACTOS NA POLÍTICA LINGÜÍSTICA. **Teias** (Rio de Janeiro), v. 23, p. 218-229, 2022.

CORTEZ, Dayane et al. PLAc: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EXTENSÃO. **LENDU**, v. 5, p. 29-48, 2021.

KRATOCHVIL, C. F. ; BACK, A. C. P. ; SOUZA, ANA CLÁUDIA DE . **Ler & Educar: um projeto de fortalecimento de vínculos e de formação de professores e de leitores..** In: Cambrussi, Morgana Fabiola. (Org.). Na trajetória das Letras: reflexões sobre a construção coletiva da experiência acadêmica na UFFS. 1ed. Chapecó: Editora da UFFS, 2022, v. 1, p. 14-28.

SOUZA, ANA CLÁUDIA; SEIMETZ-RODRIGUES, C. (Org.) ; KRATOCHVIL, C. F. (Org.) ; BARETTA, L. (Org.) ; BACK, A. C. P. (Org.) . **Diálogos linguísticos para a leitura e a escrita**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2019.

ZILLI, Gabriela; CARDOSO, Gisele; BACK, Angela C. P.; COAN, Márluce. Uma contribuição da Sociolinguística Variacionista à constituição do Atlas Sociolinguístico da Região Carbonífera. **Revista de Iniciação Científica** (Criciúma), v. 3, 2005, p. 97-107.